

Gilda e Lila: duas maneiras de ser mulher e comunista em Porto Alegre nas décadas de 1940 e 1950

Benito Bisso Schmidt*

1.

Apesar do frio e da chuva, inúmeras pessoas afluíram à sede da Sociedade Espanhola, em Porto Alegre, naquela tarde de 1945. No salão de festas da entidade, celebrava-se um ato público em favor da redemocratização do país. Intelectuais e políticos conhecidos ocupavam a mesa diretora dos trabalhos. Entre eles, estavam o jovem jornalista Cândido Norberto e sua colega de profissão, Gilda Marinho. Esta, conforme as lembranças do primeiro,

[...] vestia um belo e vistoso casaco de pele, das orelhas delicadas pendiam brilhantes brincos, de legítimo brilhante, suponho, a maquilagem esmerada, o cabelo bem penteado. As palavras saltavam ordeira e exuberantemente de seus lábios, exigindo liberdade, direito de reunião e expressão para todos, legalização de todos os partidos políticos. E mais pão e mais escolas e mais roupas para os famintos e andrajosos que, aquela hora, como lembrava a oradora, na periferia de nossa cidade, estariam morrendo de fome e de frio...

* Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

Durante o discurso, Norberto passou os olhos pelo casaco da oradora enquanto ouvia suas considerações sobre a miséria popular. Cessados os aplausos, Gilda virou-se para ele e disse algo assim: “Meu casaco de pele cobre meu corpo, mas não sepulta minha consciência diante dos sofrimentos do povo...” (*Zero Hora*. 16/2/1984, p. 35).

2.

Em 1951, outro ato público agitou Porto Alegre: no dia 25 de setembro, foi instalado o IV Congresso Brasileiro de Escritores no Teatro São Pedro. A mesa inaugural teve como integrantes, entre outros, Graciliano Ramos (presidente da Associação Brasileira de Escritores – ABDE), Laura Austregésilo, Reinaldo Moura, Aparício Toreli (Barão de Itararé) e Lila Ripoll (presidente da ABDE do Rio Grande do Sul). Em seu discurso, esta última declarou: “O escritor brasileiro, na hora presente, segue a lição do escritor brasileiro no passado. Em vez de isolar-se na vida social e tornar-se indiferente aos problemas nacionais, toma posição, com a sua literatura e sua atividade prática para influir decisivamente nos destinos de nossa Pátria” (*Horizonte*. Porto Alegre, 10/1951, *apud* Balbuena, 2001).

3.

O objetivo deste artigo é analisar e comparar as memórias construídas a respeito da militância comunista de Gilda Marinho (1906-1984) e de Lila Ripoll (1905-1967) nas décadas de 1940 e 1950. Neste período, ambas participaram ativamente de organizações, campanhas e eventos ligados ao Partido Comunista do Brasil. Apesar disso, o nome de Gilda quase não aparece – e quando aparece é apenas de passagem – nas (poucas) obras que tratam da história do PCB no Rio Grande do Sul, nem nos depoimentos de seus antigos companheiros políticos. Por exemplo, ela não é citada no livro “Comunistas gaúchos: a vida de 31 militantes da classe operária” (1986), do jornalista e historiador diletante João Batista Marçal. Da mesma forma, o trabalhador metalúrgico Eloy Martins, importante liderança comunista do estado desde os anos 1930, ao enumerar, no seu “Depoimento político” (1989, p. 78-9), os membros da comissão organizadora do comício oferecido a Luís Carlos Prestes na capital gaúcha logo após a

legalização do Partido em 1945, apenas menciona a “[...] escritora Gilda Marinho, personagem de campanhas populares”.¹

A única narrativa mais extensa que localizei relativa à militância de Gilda no PCB é a elaborada pelo já referido Cândido Norberto, publicada no jornal *Zero Hora* poucos dias após o falecimento da personagem. No texto, o autor diz querer acentuar “[...] a outra face da Gilda colunista e colunável, esquecida por muitos, desconhecida pela maioria. A face de Gilda social e política, que nada teve a ver com a Gilda sociável”. Tomo a liberdade de reproduzir um longo trecho do artigo que sintetiza a imagem da personagem consolidada na memória de Porto Alegre:

Colunista social muitas vezes, colunável a vida toda, Gilda Marinho saiu de cena deixando para a maioria das pessoas uma imagem incompleta de sua verdadeira personalidade. E até mesmo distorcida. Pelo que se leu e ouviu a seu respeito logo após sua morte, para muitos, o que marcou sua figura foram os traços que dela fizeram seus amigos mais recentes e o que a crônica social, durante anos, mais destacou: inteligente, alegre, descontraída, boa amiga, adorável companheira de festas e viagens. Etcétera. Ah, sim: uma mulher extravagante no vestir e, mesmo, no modo de viver. Uma espécie de mestra do *savoir vivre*. Há, no entanto, além de sua notável cultura humanística, de sua condição de poliglota competente, capaz de falar, na mesma roda, o inglês, o francês e o alemão, uma face esquecida por alguns e desconhecida pela maioria (jamais diria oculta) que merece ser ao menos lembrada, mesmo que superficialmente: a Gilda da política, a mulher de pensamento político e social, a lutadora em prol da liberdade e da justiça. Da Gilda dos comícios, das refeições de cartazes, das pichações de calçadas e paredes. Das prisões políticas. Da mulher social – que nada tem a ver com a mulher da crônica social...

Dessa face esquecida e desconhecida de Gilda tento fixar, a galope, alguns traços. Ou melhor, a recordar alguns momentos. Na esperança de que outro, com mais tempo, engenho e arte, se disponha, um dia, a fixar no papel a verdadeira e completa imagem de Gilda – uma mulher como nunca houve entre nós... (*Zero Hora*, 16/2/1984, p. 35).

1 Menções à militância comunista de Gilda aparecem também em Gertz (2005) e Martins, Marisângela (2007).

A morte e o luto, muitas vezes, potencializam os mecanismos da memória e fazem aflorar lembranças insuspeitas, sobretudo no caso de uma “celebridade” (e Gilda era uma celebridade em Porto Alegre). Revelações podem vir à tona quando diversas pessoas passam a disputar o legado afetivo do morto: a recordação mais verdadeira, o conhecimento mais íntimo, a face oculta desconhecida da maioria. Neste sentido, Norberto tenta desvincular a “sua” Gilda (a “mulher social”) da Gilda de “todos os outros” (“a mulher da crônica social”).

Para analisar as memórias construídas sobre Gilda, creio, porém, ser mais prudente não dissociar as várias “faces” da personagem, nem operar com noções como “verdade” e “distorção”. Prefiro examinar o trabalho de enquadramento (Pollak, 1989) destas lembranças que levou à construção do mito² Gilda Marinho, ou, nas palavras de Norberto, o “que marcou sua figura”. Neste sentido, aqueles que falam e/ou escrevem sobre Gilda deliniam, com pouquíssimas variantes, uma mesma imagem: a da mulher ousada, à frente de seu tempo, vestida de maneira extravagante, desafiadora dos padrões morais vigentes, sempre alegre e vibrante, a “locomotiva” da alta sociedade porto-alegrense. Quando se referem à sua militância política, normalmente lhe emprestam um tom ligeiramente folclórico, ao lembrarem, por exemplo, de quando ela mandou fazer um broche de brilhantes com a foice e o martelo (Entrevista do jornalista Roberto Gigante, amigo e colega de Gilda Marinho, ao autor. Porto Alegre, 25/11/2000).

Já Lila Ripoll ganha contornos muito diferentes nas fontes escritas e nas falas de seus “camaradas”. Marçal (1986), por exemplo, a caracteriza como uma “mulher culta e corajosa, poetisa brilhante”, “revolucionária convicta e militante”, que “foi para o fogo das tribunas populares, comungou com o povo nas suas horas de mobilização, amargou com o povo as suas derrotas, cantou com ele a democracia plena na voz das ruas”. O jornalista e militante comunista João Batista Aveline, por sua vez, ao falar do engajamento dos intelectuais no PCB, afirma: “[...] com os intelectuais nós tivemos muito tipo de problema. Nós nos metíamos na pintura, nós nos metíamos em poesia, literatura. Tinha alguns que se subordinavam

2 Mito aqui entendido não como mentira ou falsificação, mas como “[...] ampliação do significado de eventos isolados”. Nas palavras de Portelli (1996, p. 123-4), o mito “[...] depende, em última análise, de o individual ser ou não percebido como representativo do todo, ou como uma alternativa para o todo”. Assim, parece-me que certos aspectos da vida de Gilda acabaram por moldar quase todas as memórias construídas sobre ela, ou, pelo menos, a sua face mais pública.

total, ou faziam de forma tal que era uma literatura totalmente engajada, como era o caso da Lila Ripoll que era poeta, aqui, nossa” (Entrevista a Maria Luiza Martini e Eliane R. Garcia. Porto Alegre, 18/02/1999).

Quero, pois, compreender o porquê desta assimetria: o silenciamento ou a “folclorização” da militância comunista de Gilda em contraposição à evocação constante e à valorização daquela realizada por Lila. Levanto a hipótese de que isso ocorreu devido ao fato de a primeira, ao contrário da última, não se adequar aos padrões morais e estéticos dos comunistas brasileiros do período, não sendo, por isso, incorporada ao panteão do PCB gaúcho.

4.

Gilda Zamorano Marinho nasceu em Pelotas, no dia 1º de fevereiro de 1906. Era filha de Gonçalo Marinho, ilustre advogado da cidade, e da dona-de-casa Maria Del Rosário. Como outras filhas da elite gaúcha, aprendeu as primeiras letras com preceptoras e, depois, continuou sua formação no Internato do Colégio São José, de São Leopoldo, voltado na época à formação das “moças de família”. Estudou também no Conservatório de Bagé, onde se aperfeiçoou em piano, instrumento cujo domínio era considerado muito adequado para as jovens de seu grupo social.

Os jornais pelotenses freqüentemente noticiavam a participação de Gilda em eventos sociais. No mês de fevereiro de 1931, por exemplo, o *Diário Popular* (13/02/1931, p. 4) informou: “Em substituição ao reinado glorioso da meiga senhorinha Déa Antunes Maciel, que deu raro fulgor e desusado brilho ao trono do Club Diamantinos, no carnaval passado foi, ontem, escolhida a gentil senhorinha Gilda Zamorano Marinho, formoso ornamento da nossa sociedade elegante [...]”.

As narrativas construídas sobre a juventude de Gilda seguidamente situam naquela temporalidade algumas características que, conforme os seus produtores, só teriam se reforçado ao longo do tempo: a alegria esfuizante, a rebeldia diante da moral e dos papéis de gênero tradicionais e a inclinação política à esquerda. O jornalista Juarez Porto (1985), autor de uma pequena biografia apologética da personagem, sintetiza algumas destas histórias míticas colhidas junto a amigos e conhecidos de Gilda. Referindo-se à sua passagem pelo Colégio São José, ele afirma:

A desenvoltura e a alegria contagiante deslumbravam as colegas, que tinham nela uma líder. Sua fama atravessou os muros do Internato [...] e embrenhou-se pelos corredores do Colégio Nossa Senhora da Conceição, exclusivo de rapazes, que ficava perto. Muitos disputavam a sorte de olhar à distância a passagem das meninas nos seus passeios com as zelosas irmãs, e, entre elas, poder vislumbrar a já célebre Gilda. (Porto, 1985, p. 15)

Tratando da corte que os rapazes de Pelotas faziam à jovem, Porto escreve:

A reputação do apuro intelectual e dos graciosos dotes físicos de Gilda espalhou-se pela cidade. Os melhores partidos faziam questão de conhecê-la e, se possível, cortejá-la. Ela aceitava essa corte com bom humor, muitas vezes divertindo-se com o embaraço dos rapazes diante de sua conversa abrangente. Discutia como um homem as causas e efeitos da guerra entre franceses e alemães, que acabou envolvendo a “humanidade inteira” no primeiro conflito mundial.

Muitas vezes escandalizava as rodas conservadoras defendendo com conhecimento de causa as ações bolcheviques contra o czar Nicolau II. (Idem, p. 16-7)

Por fim, discorrendo sobre a primeira paixão da moça, um jovem negro, o autor salienta:

Ao invés de iludir-se com a corte dos excelentes partidos de Pelotas e Bagé, guardava secreta veneração pelo rapaz, neto de escravos, de bons braços e pernas, jogador de futebol. [...] Todos os dias passava em frente de sua casa para ir ao trabalho num armazém. Ela o aguardava na janela, longe do controle da família, e, assim, à distância, flertavam. (Idem, p. 20)

No início da década de 1930, a família Marinho transferiu-se para Porto Alegre. Gilda trabalhou primeiro como professora de piano no Instituto de Belas Artes e, já nos anos 1940, na Livraria do Globo, traduzindo e adaptando livros como *A ninfa constante*, de Margaret Kennedy

(1942); *Diário de Marie Bashkirtseff* (1943) e *Cortesia. Código Moderno das Boas Maneiras*, de Margery Wilson (1945). Também apresentou, na Rádio Farroupilha, o programa *Para a mulher e o lar*.

Nesta época, a Globo abrigava a nata da intelectualidade gaúcha, incluindo muitos simpatizantes do PCB, então na ilegalidade. Lá, Gilda deve ter formado ou reforçado suas convicções comunistas e sua postura de oposição ao Estado Novo. Em 1936, ela participou da campanha pela libertação de Olga Benário, mulher de Prestes, deportada grávida para a Alemanha nazista após o fracasso da “intentona” do ano anterior. Ao lado de “camaradas” como Lila Ripoll, Eloy Martins e Dionélio Machado, Gilda percorreu as ruas de Porto Alegre recolhendo adesões ao abaixo-assinado contra a deportação. Com o insucesso da campanha, a luta, capitaneada por Leocádia Felizardo, mãe de Prestes, passou a ser pela libertação de Anita, filha do líder comunista nascida no cárcere, que acabou se concretizando (Porto, 1985).

Em 1943, Gilda assinou o manifesto de solidariedade a Érico Veríssimo, relativo à polêmica travada por ele com o Pe. Leonardo Fritzen, que havia publicado um artigo tachando de imoral o último livro do escritor, *O resto é silêncio*. Os signatários do Manifesto declararam: “O saudosismo precoce das fogueiras nazistas de livros e de tudo quanto elas representam merece a mais franca repulsa de nossa parte, por isso que ele contrasta de uma forma chocante com os ideais por cuja vitória o nosso povo começa agora a pagar o seu tributo de ‘sangue, suor e lágrimas’” (*Diário de Notícias*. Porto Alegre, 09/05/1943, p. 7).

No ano seguinte, Gilda juntou-se ao coro de intelectuais que protestaram contra a apreensão da obra do escritor e militante comunista Ivan Pedro de Martins, *Fronteira Agreste*, um romance social sobre a vida na campanha gaúcha, julgado ofensivo à moral e aos bons costumes pelo diretor do Departamento Estadual de Imprensa, o artista-plástico Ângelo Guido. Em meio à discussão travada nos jornais entre os partidários e os contrários à censura, ela declarou:

Infelizmente ainda não li *Fronteira Agreste*, o que pretendo fazer assim que o tempo permitir. Mas, da maneira como a questão está posta, não me furtarei a dar, desde já, o meu parecer em tese, sem medo de pisar em falso. [...] Não há nada de novo com *Fronteira Agreste*. Ele apenas serviu de pretexto. Um pretexto muito à

mão para nova investida do reacionarismo intelectual, que ainda não se deu por vencido, até mesmo nas coisas que hoje já não deviam ser debatidas, pois ficaram definitivamente estabelecidas pelas Nações Unidas e na famosa Carta do Atlântico. É este o caso da Liberdade de Imprensa e Informação, que somente agora estamos a discutir na província. Mas não desesperemos. As mudanças se processam lentamente. A despeito de todas as violências, a humanidade marcha para a frente. Gradativamente vencemos o canibalismo, a escravatura, a tortura judicial e as perseguições religiosas. Haveremos também de conquistar – até mesmo na nossa província – a independência de pensamento, pois somente nesse clima de tolerância e liberdade prosseguirá o nosso progresso. (*Diário de Notícias*. Porto Alegre, 20/01/1944, contracapa)

Naqueles anos finais do Estado Novo e da Segunda Guerra, os partidos comunistas, devido à sua proeminência na luta contra a ditadura varguista (no Brasil) e o nazi-fascismo (internacionalmente), conquistaram muitos simpatizantes. Gilda participou da reorganização do PCB no Rio Grande do Sul, atuando nas suas frentes intelectual e feminina.³ Alguns relatórios do DOPS trazem indicações sobre a militância comunista da personagem. Em outubro de 1945, um agente da polícia política registrou:

GILDA MARINHO – Escritora e colaboradora da ‘Revista do Globo’, cuja direção é composta de conhecidos comunistas. É também tradutora da Livraria do Globo desta capital. – suas atividades políticas se desenvolvem principalmente no meio do elemento feminino, como presidente que é da ‘Liga das Donas de Casa’, núcleo de reivindicações populares do PCB (“A chegada e estadia de Luiz Carlos Prestes em Porto Alegre”. Porto Alegre, 10/10/1945 – Pasta 19 [B] – caixa 611 – relatório n. 00331 – 00350. Fundo DOPS, APERJ).

3 As frentes do PCB faziam a intermediação entre a burocracia partidária e determinados segmentos da sociedade, tendo sido fundamentais para a sobrevivência do Partido após a sua volta à ilegalidade em 1947. Sobre a atuação das frentes feminina e intelectual no Rio Grande do Sul, consultar: García, 1999.

No ano seguinte, foi acrescentada a seguinte observação: “[...] Tem servido de agente de ligação entre os comunistas do Rio e desta Capital. Fez parte da comissão de recepção quando da visita de Luiz Carlos Prestes a esta Capital” (“Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha” – Rio Grande do Sul, 1946 – Pasta 19 [C] – caixa 611 – dossiê n. 00495-00499. Fundo DOPS, APERJ).

Gilda também participou do Conselho Fiscal do Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha, associação ligada ao PCB. Segundo um relatório do DOPS:

O programa do Clube de Cultura Popular Euclides da Cunha, distribuído em impressos, começa dizendo que o Clube não é um partido político e não entrará no terreno da política partidária. A sua redação, porém, desde logo denuncia o tão conhecido vocabulário comunista, quando substitui a expressão “associados” (querendo se referir aos do Clube) pela palavra “companheiros”. [...] Não quer entrar na política partidária, mas termina afirmando que é dever do trabalhador “ser um político militante, dentro de seu partido”. [...]

As atividades do Clube compreendem, principalmente, as conferências semanais, realizadas na sede da antiga Sociedade Espanhola, verdadeiro quartel-general do comunismo porto-alegrense, pois ali funcionam a “Associação Brasileira de Amigos do Povo Espanhol”, o Comitê Municipal do P.C. do Brasil, várias células comunistas e comitês populares.

Os assuntos das conferências são invariavelmente versados sobre as teorias marxistas, motivos russos, aspectos da vida de LUIZ CARLOS PRESTES, etc., etc. (Idem).

Como indiquei mais acima, Gilda integrou a Comissão Central do Comício Rio Grande a Luiz Carlos Prestes, presidida pelo escritor Dionélio Machado, a qual, segundo matéria do periódico comunista *Libertação* (Porto Alegre, 29/09/1945), “[...] tem se desdobrado numa atividade incessante no sentido do maior êxito da Festa que o povo gaúcho promoverá ao seu dileto filho. Diariamente, num afã incansável estudam-se projetos, auscultam-se opiniões, tudo num sentido construtivo e democrático, que faz prever o grande brilhantismo que terá o Comício de amanhã”.

Neste “afã incansável”, Gilda, conforme as recordações de Cândido Norberto, chegou a ser presa por uma noite: “Fora ‘apanhada em flagrante delito’, na calada da noite, quando pregava cartazes do Luís Carlos Prestes em paredes do Viaduto Otávio Rocha, o da [Avenida] Borges de Medeiros, nas barbas da Polícia, portanto, cuja sede ficava ali na [Rua] Duque de Caxias [...]” (*Zero Hora*, 16/02/1984, p. 35).

Gilda também participou do Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, ocorrido na cidade de São Paulo em janeiro de 1945. Nele, firmou-se uma declaração de princípios, redigida por Astrogildo Pereira, manifestando a adesão dos presentes às causas socialistas. No documento, os signatários defendiam a legalidade democrática, o sufrágio universal, direto e secreto e o pleno exercício da soberania popular (*Revista do Globo*. Porto Alegre, 10/02/1945. p. 16 e Balbuena, 2001, p. 126).

Em 1947, Gilda assinou um manifesto contra a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas, quando do retorno do PCB à ilegalidade. Segundo o documento:

Escritores, artistas, cientistas, juristas, jornalistas e professores brasileiros, solidários com a declaração de princípios aclamada no Segundo Congresso Brasileiro de Escritores, vêm protestar veementemente contra o projeto de cassação de mandatos, flagrantemente inconstitucional, cuja aprovação representaria, sem dúvida, a negação da intangibilidade do voto popular, fundamento da ordem democrática. Os signatários caracterizam a citada proposição como violenta e perigosa ameaça à democracia brasileira e aos direitos e liberdades fundamentais garantidos pela Constituição. (*Tribuna Gaúcha*. Porto Alegre, 26/11/1947)

Porém, o governo Dutra não deu trégua aos opositores, efetivando a cassação e reprimindo com dureza as manifestações da oposição, sobretudo aquelas realizadas pelos comunistas. Gilda, por razões diversas que não podem ser examinadas nos limites deste artigo, acabou seguindo outros caminhos políticos: em 1950, aderiu ao Partido Socialista Brasileiro, fazendo campanha para a candidatura a deputado de Cândido Norberto, e, posteriormente, até 1964, foi simpatizante da causa do trabalhismo.

5.

A 12 de agosto de 1905, em Quaraí, na fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai, nasceu Lila, filha de Florentino e Dora Ripoll, fazendeiros de poucas posses. Depois de completar os estudos básicos e ter as primeiras lições de piano na sua cidade natal, a jovem Lila transferiu-se em 1927 para Porto Alegre, onde se diplomou pela Escola Complementar. Ingressou então no Conservatório de Música (hoje Instituto de Artes da UFRGS), formando-se pianista (como Gilda), com planos de dedicar-se à vida de concertista. Nesse período, publicou alguns de seus poemas na *Revista Universitária*.

Em 1930, Lila ingressou no magistério primário estadual, lecionando Canto Orfeônico. Deste período em diante, passou a conviver com o grupo de escritores gaúchos que formaram a chamada “Geração de 30”, muitos deles situados politicamente à esquerda: Reynaldo Moura, Athos Damasceno, Manoelito de Ornellas, Vidal de Oliveira, Mario Quintana, Ovídio Chaves, Dionélio Machado, Carlos Reverbel e Cyro Martins; grupo do qual Gilda também se aproximou posteriormente.

Um acontecimento parece ter marcado o “batismo político” de Lila, ao menos segundo as narrativas construídas a seu respeito: o assassinato a golpes de machado, em 1934, de seu primo e irmão de criação Waldeimar Ripoll, jovem radical que militava no Partido Libertador, provavelmente a mando do governador do Rio Grande do Sul, Gen. Flores da Cunha. Nas palavras de Bordini (1990, p. 12): “O assassinato não é esclarecido e Lila, profundamente ferida pela morte cruenta daquele a quem dedicava verdadeiro afeto, entrega-se à defesa das causas revolucionárias”.

No ano da formação da Aliança Nacional Libertadora (1935), Lila, admiradora de Luiz Carlos Prestes, intensificou sua participação na Frente Intelectual do PCB. Começou também a militar nos meios operários, dirigindo o Departamento Cultural do Sindicato dos Metalúrgicos, onde deu aulas de música e literatura, encenou peças de teatro e fundou o Coral dos Metalúrgicos.

Em 1938, estreou em livro com *De mãos postas*, pela Barcellos & Bertaso, depois Livraria do Globo. Sobre a obra, o escritor Cyro Martins (1981, p. 52) afirmou: “‘De mãos postas’ daria o tom à obra poética de Lila Ripoll, livro duma tristeza digna, sem alardear desesperos, impregnado das desilusões do presente, pungitivo, expressando sua atitude sem

esperanças diante da vida. Da vida comum. Mas tentando um renascer através da poesia”. Uma estrofe do poema autobiográfico *Vim ao mundo em agosto* ilustra bem esta “tristeza digna”:

*Sou triste de nascença. É mal sem cura.
A vida não desfez meu nascimento.
Sou a menina triste e sem ventura,
Que em agosto nasceu, com chuva e vento.*⁴

A poetisa confere à sua trajetória, portanto, uma continuidade: a tristeza que a acompanha desde o nascimento. Este tom cinza, “com chuva e vento”, marcou não apenas os escritos de Lila, mas igualmente sua biografia, sua militância e as memórias construídas a seu respeito; ao contrário de Gilda, sempre lembrada por meio de imagens coloridas e alegres.

No ano seguinte, Lila datilografou para seu amigo, conterrâneo e “camarada” Dionélio Machado os originais de *O louco do Cati*. Em 1941, publicou *Céu Vazio* pela Livraria do Globo, obra que conquistou o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras. Em virtude da premiação, Lila recebeu uma homenagem pública dos intelectuais gaúchos na Associação Rio-Grandense de Imprensa.

Em janeiro de 1944, Lila, como Gilda, foi entrevistada pelo *Diário de Notícias* (20/01/1944, contracapa) sobre a apreensão do livro *Fronteira Agreste*. Disse então ao repórter:

“Naturalmente, tenho a minha opinião formada sobre o assunto. Entretanto não desejo manifestá-la publicamente, por um motivo de ordem afetiva. [...] Sou amiga das duas pessoas envolvidas no caso...”. Usamos, então, a habilidade profissional e Lila Ripoll foi, aos poucos, demonstrando a sua repulsa por apreensões de livros. [...] A sua formação literária fora toda liberal, sempre acreditou em princípios de justiça e de liberdade. Ora, a apreensão de uma obra literária, seja naturalista ou não, sempre é uma limitação ao pensamento.

Pouco meses depois, outra morte abalou a escritora. Em 18 de julho, Nilson Bertoline, jovem poeta e acadêmico de Direito, suicidou-se

4 Todas as citações das poesias de Lila foram extraídas de Moreira, 1998.

atirando-se do apartamento de Lila, o que a deixou perturbada e infeliz. Na mesma época, casou-se com o engenheiro Alfredo Luis Guedes.

Com a legalização do PCB em 1945, Lila intensificou sua militância política, apoiada pelo marido, que a acompanhava em comícios e passeatas. Conforme Bordini (1990, p. 13), “dentro de uma linha marxista ortodoxa, dedica-se a todas as causas relacionadas aos direitos e à promoção do operariado”. Nesta época, também publicou poemas na revista *A Província de São Pedro*, o mais importante periódico literário do estado.

No ano de 1947, lançou seu terceiro livro, *Por quê?*, no Rio de Janeiro, pela Editora Vitória, porta-voz da intelectualidade comunista brasileira. Também assinou o manifesto contra a cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas antes referido. Em 1949, perdeu seu marido de derrame cerebral. Muito deprimida, dedicou-se ao trabalho de mobilização popular do PCB. No ano seguinte, candidatou-se a deputada estadual. Em Quaraí, acompanhando a comitiva da Frente Popular, sentiu a reação das forças conservadoras: durante um comício, ao lado de Cândido Norberto, candidato apoiado por Gilda, a escritora procurou recitar seus poemas enquanto pedras eram jogadas em sua direção.

Em 1951, participou ativamente do comitê editorial da *Revista Horizonte*, órgão do núcleo intelectual do Partido Comunista. No mesmo ano, publicou *Novos Poemas*, nos *Cadernos da Horizonte*, tratando do fuzilamento dos líderes de uma passeata operária ocorrida na cidade de Livramento. Na obra, manifesta-se com mais veemência a denúncia da exploração capitalista e a influência da estética do realismo socialista, como se pode perceber nestes versos:

*Os homens tombaram,
tombaram sem medo,
singelos,
heróicos,
severos e graves,
à luz do luar.*

O livro, com projeto gráfico de Carlos Scliar, outro artista vinculado ao PCB, rendeu a Lila o Prêmio Pablo Neruda da Paz. A escritora, junto com vários intelectuais e artistas, havia se unido ao grupo Partidários da Paz, ramificação brasileira do Conselho Mundial da Paz com sede em

Praga. Naquele contexto belicoso da Guerra Fria, os partidos comunistas de todo o mundo, inclusive o PCB, capitaneados pela URSS, passaram a organizar campanhas pacifistas. Nesta perspectiva, nos dias 20 e 21 de outubro de 1951, ocorreu o III Congresso Gaúcho pela Paz. Lila foi eleita para compor a mesa diretora dos trabalhos. No mesmo período, na “Casa da Paz” de Porto Alegre, e sob o patrocínio da Federação de Mulheres do Rio Grande do Sul, ocorreu o encontro de instalação do Comitê das Mães em Defesa da Paz. Lila, uma das diretoras do evento, ocupou a tribuna e “[...] convidou a platéia a comparecer na noite do dia seguinte na Sociedade Espanhola, onde realizar-se-ia um grandioso ato cívico e falariam ilustres personalidades” (Boletim reservado. Porto Alegre, 26/02/1953 – n. 1097-1092, 6 p. Fundo DOPS, APERJ).

Ainda em 1951, a poetisa presidiu, como já mencionei anteriormente, a seção regional da ABDE e participou, como vice-presidente, da Comissão Estadual de Organização do IV Congresso Brasileiro de Escritores, que reuniu delegações de vários estados.

Dois anos depois, compareceu ao Encontro Internacional dos Partidários da Paz em Buenos Aires. Além disso, foi uma das delegadas do Rio Grande do Sul ao 1º Congresso da Federação de Mulheres do Brasil, em São Paulo (1º Congresso da Federação de Mulheres do Brasil – RS – delegadas – Documento manuscrito – f. 202. Fundo DOPS, APERJ). Portanto, da mesma forma que Gilda, Lila desenvolveu sua militância comunista especialmente nas frentes intelectual e feminina do PCB.

Nessa época, publicou a plaqueta *Primeiro de Maio*, longo poema em testemunho do massacre ocorrido no Dia do Trabalhador na cidade de Rio Grande, quando a polícia metralhou uma manifestação de operários.

Em 1955, colaborou com o jornal *A Tribuna*, órgão do PCB no estado, e viajou a Moscou e Stalingrado para participar, como integrante da Delegação Cultural Brasileira, de um Congresso Internacional dos Partidários da Paz, a convite do PCURSS.

A partir daí, lançou mais dois livros: *Poemas e Canções* (1957) e *O Coração Descoberto* (1961); escreveu um conjunto de poemas inéditos, *Águas Múveis* (1965), publicados postumamente; e montou o espetáculo *Orfeu da Conceição*, de Vinícius de Moraes (1958). Também em 1958, estreou em Porto Alegre uma peça teatral de sua autoria, *Um colar de vidro*.

No âmbito político, continuou professando o comunismo até sua morte. Nos primeiros dias após o golpe militar de 1964, chegou a ser pre-

sa, mas logo foi libertada devido ao estágio avançado de câncer em que se encontrava. Faleceu a 7 de fevereiro de 1967, sendo enterrada pelos companheiros de Partido.

6.

Após esta breve incursão pelas biografias de Gilda e Lila – construídas a partir de documentos e monumentos variados (Le Goff, 1990) – cabe retomar a questão que norteia o presente artigo: por que a militância comunista de Gilda é esquecida ou folclorizada e a de Lila, evocada e valorizada? Afinal, ambas participaram, por vezes conjuntamente, de importantes organizações e campanhas ligadas ao PCB, sobretudo das suas frentes intelectual e feminina, contribuindo para a difusão dos ideais partidários nestes segmentos junto aos quais gozavam de muito prestígio. Além disso, as duas nutriam uma grande admiração por Prestes, o que era bastante comum entre os membros do Partido naquele momento.⁵ Em alguns casos, tal admiração tocava as raias do fanatismo, conforme exemplifica João Aveline:

[...] era uma noite que tinha uma conferência do Barão de Itararé.
[...] E o Prestes tinha sido convidado. O Prestes apareceu na conferência. Tinha um marinheiro, quando o marinheiro viu Prestes, desmaiou, né? [...] a figura do Prestes era um negócio assim, [...] na imaginação dele devia ser um negócio tão forte, que o dia que ele viu o Prestes, ele, ele perdeu tudo, ele se desmontou.

Gilda e Lila, pelo que se sabe, não chegaram a tanto, mas, sem dúvida, tinham grande apreço pelo “Cavaleiro da Esperança”. A poetisa, numa das estrofes da série *Primeiro de Maio*, escreveu:

*O nome de Prestes, num ritmo exato,
por todos cantado, sonoro, sem manchas,
na tarde a vibrar.*

5 Sobre o culto à figura de Prestes, ver Ferreira, 2002 e Pandolfi, 1995.

E, em *Retrato*:

*Reconheço a figura, a frente ampla,
O olhar audaz e manso ao mesmo tempo.
É ele sim, é o grande Cavaleiro,
Cavaleiro de muitas esperanças.*

Em relação a Gilda, Cândido Norberto salienta:

Quanto ao “prestismo” de Gilda, do qual nos dá notícias o fato de sua prisão quando andava colando cartazes com a figura de Luís Carlos Prestes, penso que se explica sobretudo pela época em que aconteceu. Era um tempo em que se lutava contra o fascismo internacional e nacional. E a imagem do “Cavaleiro da Esperança” valia como um símbolo dessa luta. Ele tinha o fascínio do oprimido, do perseguido, do encarcerado, do destemido lutador anti-fascista. Gilda não ficou imune a tal fascínio. [...]. (*Zero Hora*, 16/02/1984, p. 35)

Vale também destacar que, nas narrativas elaboradas a respeito das personagens, a adesão ao PCB é apresentada menos como resultado de uma tomada de posição política consciente, e mais como fruto de inclinações emocionais e afetivas. Talvez isso possa ser creditado aos códigos de gênero dominantes em nossa sociedade – e mais ainda nos anos 1940 e 1950 – que aproximam as mulheres do reino dos sentimentos e as apartam do campo da razão, considerado próprio dos homens; ou talvez seja uma característica mais geral das imagens relacionadas aos militantes comunistas.⁶

Contudo, apesar destas semelhanças, é possível assinalar, igualmente, diferenças importantes nas atuações políticas da jornalista e da poetisa, bem como nas memórias construídas sobre elas.

⁶ Esta última possibilidade é sugerida por Neves (1998, p. 57) que, ao analisar entrevistas de velhos comunistas mineiros, salienta: “o que surpreende, no conjunto dos depoimentos analisados, é a evidência de que não era comum uma preparação marxista básica precedendo à filiação ao partido. Os ideais de solidariedade que mobilizaram os militantes foram construídos quase que intuitivamente. Dessa forma, razões emocionais tiveram peso significativo na opção partidária desses militantes”.

Inicialmente, vale lembrar que o PCB, como o seu congêneres francês, possuía

[...] um “núcleo estável” atado a ele por “ligação fusional” ao lado de um segmento flutuante que adere a ele, do qual apenas poucos aprofundarão seus compromissos e alcançarão ao “núcleo” e a uma condição sapiencial da realidade exterior.

Entre os que orbitam constantemente em torno do Partido, prevalecem intelectuais, que se aproximam e se afastam ao sabor dos fatos políticos (Pudal *apud* Camurça, 1998, p. 75).

Seguindo esta linha de raciocínio, pode-se dizer que, apesar de serem ambas intelectuais, Lila fazia parte do “núcleo” e Gilda do “segmento flutuante” do Partido Comunista no Rio Grande do Sul.

Nas lembranças dos amigos e companheiros políticos de Gilda, a ligação da jornalista com o PCB na década de 1940 parece ser uma consequência lógica de sua “rebeldia instintiva”, manifestada desde a infância; quase uma aventura: intensa, individual, epidérmica e rápida. Conforme Juarez Porto (1985, p. 36), ela assimilou o marxismo “[...] à sua maneira, sem ranço nem arroubos ideológicos sectários: muito ao contrário...”. Sobre o tema, Cândido Norberto – que, depois de militar por vários anos em partidos de esquerda, tornou-se um forte crítico desta postura política – escreveu:

Do que aqui foi lembrado ninguém há de tirar a conclusão de que nossa bem amada Gilda tenha sido, em algum tempo, comunista militante. Ela foi sempre, isto sim, uma mulher inteligente, liberal, democrática, com preocupações não apenas de ordem política mas também social. Uma intransigente defensora da paz e da justiça social. Uma socialista democrática, se assim o desejarem. Uma social democrata, se assim preferirem. (*Zero Hora*, 16/02/1984. p. 35)

O presente, como se sabe, condiciona o jogo da lembrança e do esquecimento. Gilda, pelo que foi dito anteriormente, poderia ser chamada tranquilamente de “comunista militante”, embora o relato de Norberto busque classificá-la com outros rótulos. De qualquer forma, apesar das

narrativas iluminarem múltiplas facetas da personagem, um fio condutor parece alinhar as representações elaboradas a seu respeito, conferindo-lhes unidade: a rebeldia frente às normas sociais e morais vigentes, inclusive no interior do PCB. Segundo Porto (1985, p. 37-8):

Alguns comunistas criticavam-na por não atender exatamente aos padrões de comportamento exigidos pelo stalinismo. Inúmeras vezes foi reprovada pelos camaradas por comparecer às reuniões, onde estavam operários, sisudos militantes e outras mulheres vestidas com simplicidade, com roupas sofisticadas, jóias e adereços nada adequados ao círculo de conspiração revolucionária.⁷

Já a adesão de Lila ao comunismo é associada ao trauma causado pela morte de Waldemar Ripoll. A vida, a obra e a militância política da escritora – nas imagens delineadas em textos biográficos e autobiográficos, em prosa e verso – são associadas recorrentemente à dor, à morte, à feiura, à tristeza, a dias chuvosos e cinzentos. Lila se olha no espelho e vê o:

*Retrato de uma moça sem beleza.
Dois grandes olhos tristes como agosto,
Olhando para tudo com tristeza.*

Ela se considera uma moça que vai

*[...] morrer, talvez, velhinha,
mansa e triste, e tão sozinha,
como ninguém esperou.*

No caso de Lila, a ilusão da coerência e da unidade (Bourdieu, 1996), tão cara às escritas de si, é dada pela permanente evocação da tristeza; no âmbito político, por sua ortodoxia e submissão ao Partido, ou seja, bem o oposto de Gilda. De acordo com Bordini (1990, p. 16), mesmo depois das revelações dos crimes stalinistas por Kruchev, em 1956, “[...] Lila, em sua inabalável ortodoxia, defendeu a Direção do Partido e continuou firme em sua militância”.

⁷ Para um outro exemplo em que as representações construídas sobre uma mulher (Leila Diniz) são unificadas pelo seu suposto “caráter rebelde”, ver Goldenberg, 1995.

Possivelmente encontra-se aí uma das respostas para o nosso problema: Gilda, embora tenha continuado a militar por um bom tempo no campo da esquerda (no PSB e no PTB), não foi fiel ao PCB, atitude que os comunistas consideravam imperdoável.⁸ A jornalista aproximou-se do Partido numa destas “conjunturas majestosas” que “produziram efeito eletrizante e mobilizador nos intelectuais”: o pós-Segunda Guerra; seria, pois, mais um caso de “adesão pelo encantamento” (Camurça, 1998, p. 71). Com o passar do tempo, e possivelmente em virtude do controle e da vigilância permanente dos “camaradas”, o encantamento diminuiu e ela afastou-se do PCB. Sobre esta relação do Partido com os seus militantes, as lembranças de Aveline são esclarecedoras: “Essa disciplina rigorosa levava, inclusive, a distorções [...]. [Entrevistadores: ‘O Partido perdeu muita gente por causa disso?’] [...] Perdeu muito militante. [...] O pessoal fugia.” Em relação ao mesmo ponto, Cândido Norberto afirma, com o olhar crítico próprio de quem mudou de posição política: “Os comunistas devem tê-la [Gilda] chamado várias vezes, como sempre gostam de fazer com seus aliados eventuais, não ideológicos, de uma ‘pequena burguesa vacilante’” (*Zero Hora*, 16/02/1984. p. 35).

Lila, pelo contrário, não “vacilou”, nem renegou a “causa”, mantendo-se ligada ao Partido até morrer, o que facilitou sua incorporação ao panteão comunista gaúcho. Esta fidelidade transparece também em seus versos, alinhados com os princípios estéticos do realismo socialista, defendidos pelo PCB e impostos aos artistas e intelectuais que a ele se filiavam.⁹

Outra explicação para as diferenças das narrativas a respeito da militância política de Gilda e de Lila tem por base o que alguns historiadores chamam de “cultura ou subcultura comunista”, ou seja, “[...] uma comunidade portadora de valores, normas e hábitos que a caracterizariam como grupo à parte no interior da sociedade brasileira”. Esta cultura incluía “[...] um código moral partilhado pelos comunistas, o qual estabelecia

8 Ver Verdés-Leroux, 1981.

9 Segundo um “Dicionário filosófico” publicado em Moscou em 1967, “os princípios ideológicos e estéticos fundamentais do realismo socialista são os seguintes: devotamento à ideologia comunista, colocar sua atividade a serviço do povo e do espírito do Partido, ligar-se estreitamente às lutas das massas trabalhadoras, humanismo socialista e internacionalista, otimismo histórico, recusa do formalismo e do subjetivismo, bem como do primitivismo naturalista”. *Apud* Vincent, 1992, p. 437.

normas de comportamento e um elenco de valores que o militante deveria absorver e integrar ao seu *ethos*". Segundo Sá Motta (1997, p. 69-70 e 72): "[...] havia entre os comunistas um código moral rígido, particularmente no referente à questão sexual e familiar". Ainda nesse sentido, Ferreira (2002, p. 139) afirma que o PCB condenava "[...] o militante namorador, prática considerada deplorável, o adultério, atitude inconcebível, e o divórcio entre os casais, salvo se um dos cônjuges não fosse comunista ou se ele se mostrasse um renegado". A respeito da interferência do PCB na vida privada de seus militantes, são muito significativas as recordações de Aveline:

Tinha um camarada que dizia assim: o Partido na nossa casa vai até a nossa cama. [...] O Tomás disse assim, numa conversa [...]: o Partido, a nossa vida tem que ser de tal forma entregue ao Partido que a nossa porta tá sempre aberta e ela vai até a nossa cama. Isso é muito forte porque a cama é a intimidade, né?, é o maior lugar, o maior nível de intimidade das pessoas é a cama.

Especificamente em relação ao papel da mulher na sociedade, pode-se dizer que os comunistas defendiam posições avançadas para a época, questionando certos padrões de gênero tradicionais. Por exemplo, diante de uma "sabatina" feita por senhoras e senhorinhas mineiras em 1945, Prestes respondeu:

[...] ela [a mulher] deve participar das atividades políticas, integrar os Comitês Populares e partidos políticos lutando pelas suas reivindicações, integrando-se como um fator ponderável nas atividades sociais.

Não será por isso que deixará de ser mulher, mas ao contrário, em igualdade de condições com os seus companheiros, conquistará para ela própria uma situação de destaque na sociedade, levando consigo e mais garantidas que nunca, as suas características femininas. [...] os comunistas marxistas são, na realidade, materialistas, isto é, já evoluíram até ao materialismo. Não se trata, porém, do conceito vulgar de materialismo, isto é, de uma filosofia que leve o homem aos prazeres excessivos, a uma vida desregrada, animalizando-o, fazendo-o desprezar tudo aquilo que não sejam gozos materiais, etc. Não. Trata-se, na realidade, de uma doutrina

científica e que nada tem a ver com o conceito vulgar de materialismo. (*Libertação*, 27/10/1945. p. 4-5)

Portanto, o líder comunista reivindicava a igualdade de condições entre homens e mulheres, resguardando, contudo, a especificidade das “características femininas”. Além disso, deixava entrever a defesa feita pelo PCB do “comedimento no comportamento sexual”, o que implicava “uma forte dose de ascetismo” (Motta, 1997, p. 80).

Gilda, de acordo com as lembranças de seus amigos e conhecidos, transgredia estes códigos morais pelo comportamento mundano que seguia – participava de rodas boêmias, fumava, bebia, jogava, não casou nem foi mãe, tinha amantes – e pela ostentação de signos “burgueses”, atitudes reprováveis na visão dos companheiros políticos, como bem atesta o olhar de Norberto sobre seu casaco de pele naquela tarde fria de 1945. A cama – e a mesa, e o guarda-roupa, e... – de Gilda receberam a desaprovação do PCB e, possivelmente por isso, ela não ganhou um lugar “sério” e de destaque na história e nas memórias do Partido.

Lila, por seu turno, teve uma vida privada discreta e recatada, sempre vinculada ao sofrimento e à submissão à causa revolucionária. O marido também era um companheiro nas lutas em prol dos trabalhadores. Sua *persona* triste e abnegada adequava-se aos ideais éticos e estéticos dos comunistas brasileiros no período. Não é de se estranhar, portanto, que ela seja lembrada hoje, em obra dedicada aos comunistas gaúchos, como “uma pérola incrustada no coração operário do Rio Grande” ou uma “estrela-d’alva anunciando o amanhã de um novo tempo” (Marçal, 1986, p. 113).

Entrevistas

Entrevista do jornalista Roberto Gigante, amigo e colega de Gilda Marinho, a Benito Bisso Schmidt. Porto Alegre, 25/11/2000.

Entrevista de João Batista Aveline, jornalista e militante do PCB, a Maria Luiza Martini e Eliane R. Garcia. Porto Alegre, 18/02/1999. Acervo do Laboratório de História Oral do Núcleo de Pesquisa em História da UFRGS.

Periódicos

- Diário Popular*. Pelotas, 13/02/1931.
- Diário de Notícias*. Porto Alegre, 09/05/1943 e 20/01/1944.
- Revista do Globo*. Porto Alegre, 10/02/1945.
- Libertação*. Porto Alegre, 29/09/1945 e 27/10/1945.
- Tribuna Gaúcha*. Porto Alegre, 26/11/1947.
- Zero Hora*. Porto Alegre, 16/02/1984.

Documentos policiais

Fundo DOPS. Arquivo Público do Rio de Janeiro. Documentos variados.

Referências bibliográficas

- BALBUENO, Luciana Haesbaert. *A produção de Lila Ripoll na revista Horizonte*. (Dissertação de mestrado). Porto Alegre: CPG em Letras da PUCRS, 2001.
- BORDINI, Maria da Glória. *Lila Ripoll*. Porto Alegre: IEL, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getulio Vargas, 1996.
- CAMURÇA, Marcelo A. Intelectualidade rebelde e militância política: adesão dos intelectuais ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) – 1922-1960. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 4, n. 1, 1998.
- FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói/Rio de Janeiro: EdUFF/MAUAD, 2002.
- GERTZ, René E. *O Estado Novo no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2005.
- GOLDENBERG, Miriam. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.
- MARÇAL, João Batista. *Comunistas gaúchos: a vida de 31 militantes da classe operária*. Porto Alegre: Tchê!, 1986.
- MARTINS, Cyro. *Escritores gaúchos: ensaios*. Porto Alegre: Movimento, 1981.
- MARTINS, Eloy. *Um depoimento político*. Porto Alegre: Palloti, 1989.
- MARTINS, Marisângela. *De volta para o presente: uma história dos militantes comunistas de Porto Alegre e suas representações acerca da democracia (1945-1947)*. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 2007.

- MOREIRA, Alice Campos (org.). *Lila Ripoll: obra completa*. Porto Alegre: IEL/Movimento, 1998.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O PCB e a moral comunista. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, 1997.
- NEVES, Lucília de Almeida. A voz dos militantes: o ideal de solidariedade como fundamento da identidade comunista. *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 4, n. 1, 1998.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/Fundação Roberto Marinho, 1995.
- POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos históricos. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- PORTO, Juarez. *Gilda Marinho*. Porto Alegre: Tchê!, 1985.
- VERDÉS-LEROUX, Jeannine. Une institution totale auto perpétuée. Le Parti Communiste Français. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris: Minuit, n. 37, 1981.
- VINCENT, Gérard. Ser comunista? Uma maneira de ser. In: PROST, Antoine e VINCENT, G. (orgs.). *História da vida privada 5: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Resumo: Com base em narrativas orais e escritas, o artigo investiga a produção de memórias a respeito de duas gaúchas que militaram no PCB nas décadas de 1940 e 1950: a jornalista Gilda Marinho (1906-1984) e a professora e literata Lila Ripoll (1905-1967). A primeira, apesar de haver participado de importantes organizações, campanhas e eventos promovidos pelos comunistas, normalmente tem sua militância esquecida ou caricaturizada, sendo lembrada, sobretudo, como uma mulher ousada, à frente de seu tempo, extravagante, transgressora dos papéis de gênero vigentes e ligada à alta-sociedade porto-alegrense. Já Lila aparece frequentemente nas fontes do Partido, sendo construída como a “comunista ideal”, a militante corajosa e disciplinada, nas lembranças de seus companheiros. A hipótese explicativa desta diferença é que Gilda, ao contrário de Lila, não se adequava aos padrões morais e estéticos dos comunistas brasileiros do período e, por isso, não foi incorporada ao “panteão” do Partido.

Palavras-chave: memória; gênero; PCB; comunistas; militância.

Gilda and Lila: two ways of being a woman and a communist in the 1940s and 1950s' Porto Alegre

Abstract: Based on oral and written narratives, this article investigates the production of memories regarding two women born in the southern Brazilian state of Rio Grande do Sul, who were active in the Brazilian Communist Party in 1940s and 1950s: journalist Gilda Marinho (1906-1984) and professor and literate Lila Ripoll (1905-1967). The former, in spite of having taken part in important organi-

zations, campaigns, and events promoted by the communists, has her activism typically forgotten or portrayed in a stereotyped fashion, being remembered, above all, as a bold women who was ahead of her time, extravagant, who transgressed gender roles and was linked to Porto Alegre's high society. Ripoll, in turn, emerges in Communist Party sources, being construed as the "ideal communist" – the brave, disciplined militant, as her comrades remember her. The explanatory hypothesis for such distinction is that Marinho, differently from Ripoll, did not fit the Brazilian communists' moral and aesthetical standards for the time and therefore has not being incorporated into the Party's pantheon.

Keywords: memory; gender; Brazilian Communist Party; communists; activism.